

OPINIÃO

O vasto mundo da IA: quem domina e quem é dominado

Raquel Uchôa (*)

O Mito da Caverna, de autoria de Platão, é uma metáfora que nos convida a refletir sobre a ignorância da humanidade. Segundo a alegoria, pessoas estão aprisionadas em uma caverna escura e olham projeções de sombras criadas a partir de uma fogueira, tomando tais imagens como única verdade.

Platão não buscava a essência no simples (phýsis), como faziam Demócrito e seus seguidores. Sob a influência de Sócrates, ele perseguia a essência das coisas para além do óbvio, para além do que se vê. Partindo desse pressuposto, um dos prisioneiros consegue se libertar e enxergar a fogueira, as sombras e o mundo fora da caverna. Ao retornar e contar sua descoberta aos demais, no entanto, é ignorado.

Transpondo para a realidade atual, é como se você acreditasse que o mundo é, desde sempre, de determinado modo e, então, vem alguém e afirma que quase tudo aquilo é falso, parcial, apresentando novos conceitos totalmente diferentes.

Foi justamente por razões como essa que Sócrates foi morto pelos cidadãos de Atenas, o que moveu Platão a escrever o Mito da Caverna, por meio do qual nos convida a imaginar que as coisas se passam, na existência humana, à semelhança do que ocorre no interior daquele ambiente: homens acorrentados, ilusoriamente, a falsas crenças, preconceitos, ideias enganosas e, por isso tudo, inertes em suas poucas possibilidades.

Quando o assunto é tecnologia e inovação, deparamo-nos inevitavelmente com algo que desafia a mente humana, seus comportamentos individuais e coletivos, bem como sua capacidade de enxergar e materializar o invisível, o inimaginável, em produtos, sistemas, agentes, dados. Apesar de existir desde 1943, quando Warren McCulloch e Walter Pitts apresentaram seu modelo de neurônios artificiais, a inteligência artificial (IA) popularizou-se globalmente somente em 2022 com o lançamento do ChatGPT, cujo uso foi rapidamente incorporado nos processos de empresas e da academia, no cotidiano e, inclusive, vindo a mudar o rumo das relações afetivas.

A análise, o conhecimento e o profundo estudo da filosofia, das ciências humanas, das ciências exatas, assim como da arte e da literatura, foram substituídos por prompts e por agentes que fazem esse trabalho, colocando para hibernar o cérebro humano, o senso crítico, o discernimento e o poder de construção de um raciocínio lógico, alicerces da humanidade.

As empresas na era da IA, por exemplo, ganharam velocidade e agilidade nas contratações devido ao uso de softwares que, fácil e rapidamente, encontram candidatos ideais para os postos

de trabalho, analisando aptidões técnicas e experiências diversas exigidas em cada vaga. As fragilidades deste modelo de contratação, porém, logo apareceram. Onde foi parar a análise completa dos candidatos por parte dos recrutadores que têm por maior habilidade conhecer e gerir pessoas? Onde foi parar a capacidade típica de um processo seletivo pautado na análise de detalhes visando a construção de uma percepção alicerçada no encaixe perfeito entre candidato e vaga? Onde foi parar a gestão de um departamento que lida com o bem mais precioso de qualquer corporação: as pessoas?

As mudanças são tão rápidas e as necessidades do mercado são tão gigantes que só quem enxerga “além do horizonte” se destaca e fura a bolha do lugar comum. Criadores de soluções inovadoras estão atrás de pessoas capazes de dominar a tecnologia, ensinando e modelando os aplicativos de IA generativos que usam linguagem natural e que alimentam LLMs (grandes modelos de linguagem), para executar o NLP (processamento de linguagem natural). Onde estão esses profissionais, o que fazem e como vivem?

Brendan Foody, CEO da Mercor, enxergou um gap nesse mercado de gestão de pessoas, mudando o foco da sua empresa. Inicialmente oferecendo ao mercado soluções de match entre candidato e vaga, agora o foco recai no recrutamento de PhDs para treinar máquina. O negócio principal da Mercor mudou. A empresa não nasceu focada em rotulagem de dados, e esse também não é o objetivo de longo prazo. A ideia original foi modernizar o recrutamento com IA. Seus fundadores construíram uma plataforma em que candidatos eram entrevistados por um avatar de IA e depois conectados a empresas em busca de talentos, como uma espécie de Deloitte ou Accenture de nova geração.

O lançamento do ChatGPT, contudo, poucas semanas antes da fundação da empresa, desencadeou uma corrida entre as big techs para treinar os modelos de IA mais avançados. Foi aí que a Mercor – cujo nome vem de mercado, em latim – encontrou seu espaço, escalando pessoas para treinar modelos de IA e reposicionando, por conseguinte, toda a empresa nessa direção. Dentre as big techs atendidas pela Mercor, está a própria Open IA, que busca talentos com valor agregado. E quais seriam tais valores? Em resumo, poder e análise, repertório, experiência, alto nível de conhecimento e capacidades que, pouco a pouco, foram sendo esquecidas na humanidade pela falta de hábitos vitais para a inteligência humana: leitura, estudos, domínio de referências capazes de explicar mundos e conectar fatos, fluência em ciências diversas e habilidade para descobertas inovadoras que atendam, principalmente, pessoas e comunidades, salvando-as das cavernas e lhes mostrando o mundo sensível, o mundo das verdadeiras transformações.

(*) Atua com tecnologia e inovação, UX e UI desde 2001, quando fundou a empresa paranaense Ox Digit.

Casas inteligentes mal chegaram e parece que já estão saindo da moda

Durante anos, empresas de tecnologia e corretores de imóveis venderam a promessa da casa inteligente totalmente automatizada, um espaço em que luzes, câmeras e sistemas de climatização ativados por voz funcionariam em perfeita harmonia.

Vivaldo José Breternitz (*)

Mas, neste momento, um número crescente de proprietários parece estar seguindo na direção oposta. As mesmas tecnologias que antes simbolizavam conveniência e controle agora estão sendo reavaliadas, à medida que muitos repensam que tipo de lar realmente desejam.

Custos crescentes, preocupações com privacidade e fadiga digital estão impulsionando um movimento inesperado, o das “casas burras” (dumb homes), em que a simplicidade se torna o grande atrativo.

Muitas pessoas hoje veem a presença constante de tecnologia em suas casas como algo mais estressante do que reconfortante. Muitos estão trocando “configurações no estilo NASA” por interruptores manuais, botões e controles mecânicos – a tendência reflete uma mentalidade de “bem-estar analógico”, voltada à criação de ambientes mais calmos e menos conectados; nota-se tendência similar nos novos painéis de veículos.

O aspecto financeiro também começa a ser considerado. A tecnologia doméstica inteligente movimentou cerca de US\$ 100 bilhões por ano, mas o custo para os consumidores tende a ser alto. Atualizações frequentes de software, incompatibilidades entre dispositivos e ciclos curtos de substituição tornam os sistemas caros.

Dados da Zillow, uma das maiores plataformas imobiliárias dos Estados Unidos, reforçam a mudança nas preferências dos compradores. O Home Trends Report 2026 da empresa mostrou que as menções a “cantinhos de leitura” em anúncios imobiliários aumentaram 48% em relação ao ano anterior. Segundo a Zillow, esse crescimento indica que as pessoas estão buscando espaços de “relaxamento desconectado”, onde telas e automação tenham papel mínimo.



D3Damon_CANVA

A Dwell, uma revista norte-americana especializada em arquitetura, design e estilo de vida, também apontou o declínio das casas inteligentes como uma das principais tendências de design nos próximos anos, citando o interesse crescente por interiores táteis e livres de tecnologia.

Essa mudança de postura vai além da arquitetura: o uso de telefones fixos registrou um leve crescimento, segundo o Washington Post, especialmente entre pais que desejam limitar o tempo de tela dos filhos. Até mesmo alguns integrantes da Geração Z, que cresceram com smartphones, estão adotando aparelhos retrô, movimento que o New York Post descreve como uma escolha estética e uma forma de fuga do digital.

A mudança em direção a um estilo de vida menos tecnológico, porém, não é universal. Corretores afirmam que recursos de automação continuam agregando valor a imóveis em regiões em que se concentram empresas de alta tecnologia, pois pessoas ligadas a essas empresas costumam esperar sistemas avançados integrados ao dia a dia.

De qualquer forma, o crescimento explosivo que se esperava na área de casas inteligentes não deve se concretizar.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnit@gmail.com.

IT Forum premia os líderes que impulsionam a transformação digital

Um dos mais prestigiados reconhecimentos do setor de tecnologia no Brasil, o Prêmio Executivo de TI do Ano chega à sua 25ª edição. A celebração ocorreu nesta terça-feira (4), no Distrito Itaquí, ponto de encontro da comunidade de TI, localizado em Itapevi, na Grande São Paulo.

“É uma alegria receber tantos líderes nesta que é a casa do IT Forum agora. Estar em meio à Mata Atlântica é muito representativo para nós, pois reforça como a tecnologia se tornou um vetor essencial de inovação, competitividade e sustentabilidade. A premiação reconhece não apenas a excelência técnica, mas a visão estratégica e humana dos executivos que estão moldando o futuro das organizações brasileiras”, disse André Cavalli, CEO do IT Forum, na abertura do evento.

Em 2025, foram 330 projetos inscritos. A metodologia do prêmio reflete o ecossistema

de tecnologia, avaliando tanto os líderes de TI das maiores empresas do país quanto os CEOs e presidentes de fornecedores que impulsionam o setor. O processo de seleção, dividido em duas etapas, garante a imparcialidade: nomes e empresas são anonimizados, uma solução de inteligência artificial (IA) realiza a triagem inicial e, depois, o Comitê do IT Forum faz uma avaliação independente. Ao final, foram selecionados 78 finalistas em 26 categorias, sendo 21 de Mercado e 5 de Indústria.

Representatividade

Embora o prêmio seja uma celebração, Cavalli destacou dados que evidenciam a necessidade de avançar em inclusão e diversidade no setor. Entre os inscritos, 86% são homens e apenas 14% mulheres. Quando observada a autodeclaração de raça/cor, 84% se identificam como brancos, 11% pardos, 4% amarelos e somente 1% negros. “O cenário evidencia que, apesar de resultados de alto nível em vários projetos, a

pluralidade de perfis segue sendo um desafio central para a inovação”, afirmou.

Entre as premiadas, Leila Zimmermann, CIO Brasil da Mondelez, quebrou a lógica ao conquistar o primeiro lugar na categoria Indústria de Alimentos, Bebidas e Fumos. “É uma grande responsabilidade continuar promovendo e democratizando a tecnologia para todos os gêneros. Mas essa missão me move, e eu me sinto parte dela, representando as mulheres no setor”, assinalou.

Terceiro lugar na mesma categoria, Tatiana Campos, que participou do prêmio como CIO da Catupiry, compartilhou a mesma visão. “Meu desafio é fazer isso parecer possível para uma infinidade de garotas que almejam uma carreira executiva. Muitas chegam a entrar em uma faculdade de tecnologia ou de exatas e acabam desistindo no meio do caminho. Fico orgulhosa de estar aqui e mostrar que dá para chegar”, reforçou.

News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Vale da Eletrônica que transforma conhecimento em inovação

@ Localizada no Sul de Minas Gerais, Santa Rita do Sapucaí é um dos mais robustos polos de tecnologia e inovação do país. Com pouco mais de 40 mil habitantes, o município abriga cerca de 150 empresas de base tecnológica, 50 startups e uma cadeia produtiva que fabrica em torno de 17 mil itens – de componentes eletrônicos e softwares até soluções em inteligência artificial e segurança digital. A concentração de negócios, somada à forte integração com universidades, incubadoras e poder público, resulta em um território singular, reconhecido como o Vale da Eletrônica e, por muitos, o verdadeiro Vale do Silício brasileiro.

Instituto Hercílio Randon se consolida como um dos maiores depositante de patentes do Brasil

@ O Instituto Hercílio Randon (IHR), instituição privada de pesquisa voltada à inovação e ao desenvolvimento de tecnologias disruptivas, se consolida como referência no Brasil. Com foco em áreas estratégicas, como materiais inteligentes, mobilidade e eletrônica embarcada, o IHR trabalha para contribuir de forma consistente para o avanço da ciência e tecnologia no país. Foram mais de 290 registros de patentes depositadas junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) nos últimos anos, o que posiciona a instituição entre os maiores depositantes entre institutos privados do Brasil.

Editores

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço Informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.